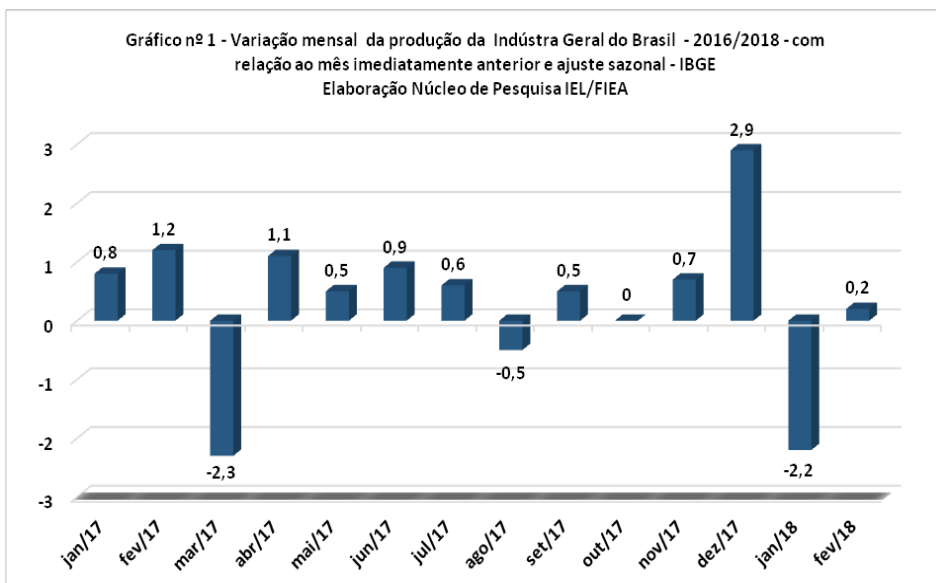




## SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

### Indústria: recuperação em marcha lenta

Os dados da indústria em geral no primeiro bimestre de 2018, como pode ser observado no gráfico nº 1, confirmam o caráter oscilante e gradual de sua recuperação. Após uma queda de 2,2% em janeiro, apresenta crescimento na margem de 0,2% em fevereiro quando a média das expectativas no mercado era de crescimento de 0,4%. Em relação a igual período no ano anterior o crescimento foi de 2,8% em fevereiro bem abaixo dos 5,8% registrados em janeiro. Do ponto de vista da média móvel bimestral, tanto a indústria em geral como a de transformação apresentaram nos meses de janeiro e fevereiro do corrente ano, crescimento na margem (com ajuste sazonal) próximo a zero. Em função deste desempenho pouco satisfatório da indústria, alguns bancos, como é o caso do Bradesco, já estão rebaixando suas estimativas para o crescimento do PIB no primeiro trimestre de 2018 frente ao quarto trimestre de 2017 de 0,5% para 0,3%. O caráter oscilante da produção também pode ser observado nos casos dos macrossetores da indústria, como bens de capital, intermediários, duráveis, semiduráveis e não duráveis. Com exceção do setor de bens de consumo duráveis, que apresentou crescimento na margem de 1,7% em fevereiro, e de capital, com anêmico 0,1%, os demais registraram retrações, como de -0,7 no setor de bens intermediários e -0,6 no de semiduráveis e não duráveis. O fator preponderante para o bom desempenho de duráveis são as exportações principalmente da indústria de veículos, não obstante existir expectativas favoráveis quanto a maior capacidade de tomada de crédito das famílias mesmo com taxas de juros ao consumidor ainda bastante salgadas. No caso de bens de capital, diz o IEDI: “o setor poderia registrar uma recuperação mais vigorosa se



as empresas ainda não estivessem em uma situação financeira delicada e se as taxas reais do BNDES não tivessem subido. Em pouco tempo a situação do crédito de longo prazo no país passou de juros altamente subsidiados para taxas muito elevadas, daí o desincentivo adicional para as decisões de investimento. Os últimos dados do Banco Central mostram que só muito recentemente as concessões de crédito corporativo voltaram a se expandir. Entretanto, as fontes de empréstimos de prazos mais longos, como o BNDES, continuam restringidas, bloqueando muitos projetos de investimento.” De maneira geral, alguns fatores tem contribuído para este comportamento oscilante da produção industrial: a melhora no mercado de trabalho é muito gradual, com a criação de vagas concentradas nos

postos de trabalho por conta própria e sem carteira assinada, e isto aumenta a cautela das famílias em suas decisões de gastos, com reflexos na produção de bens de consumo; a capacidade ociosa ainda é considerável, segundo a FGV e CNI, e as taxas médias de juros (na modalidade recursos livres), mesmo com a redução da taxa básica selic, ainda se encontram em patamares bastante elevados para as famílias e empresas, em torno de 58,0%aa e 23,0%aa, respectivamente; e, como destacado no panorama anterior, a cautela dos empresários também se deve aos riscos internos e externos em função da indefinição do quadro eleitoral no Brasil, o que coloca em aberto a política econômica do próximo governo; e do risco Trump, onda protecionista.

### Aumenta a aposta do mercado na selic a 6,25%

O IPCA acumulado de doze meses em março, segundo o IBGE, não só continuou abaixo do piso da meta, com 2,68%, mas veio abaixo do registrado em fevereiro de 2,84%aa. O IPCA de 0,09%a.m. de março foi o mais baixo desde a implantação do plano Real. Contribuíram para pressão baixista do IPCA em doze meses as taxas de -0,51% dos bens duráveis e de -2,21% de não duráveis, assim como a contínua desaceleração da inflação de serviços e monitorados que passaram de 4,22% e 7,35% em janeiro para 3,95% e 7,05% em março, respectivamente. O setor de semiduráveis foi o único que apresentou um discreto aumento da taxa: 1,87% para 1,94%. Em função da inflação persistir abaixo do piso da meta de 3,0%aa determinada pelo

Conselho Monetário Nacional (CMN), a mediana das expectativas de mercado para a selic em 2018 saiu de 6,5%aa para 6,25%aa e já há no mercado os que apostam em 6,0%aa. As expectativas para o período 2019 a 2022, de acordo com o boletim Focus de 06/04/2018, continuam em selic a 8,0%aa, mas se o IPCA continuar no patamar atual estas estimativas deverão ser revistas para baixo. Por sua vez, a mediana das expectativas do mercado para o IPCA dos próximos anos continua ancorada em 4,0%aa, o que demonstra que para se aproximar do centro da meta atual de 4,5%aa, o BCB precisará cortar ainda mais selic, principalmente se o ritmo de retomada da economia continuar lento como começa a ser sinalizado pelo mercado,

ao revisar as estimativas de crescimento do PIB para 2018 para 2,80%aa quando há um mês atrás estava em 2,89%. O Brasil com as reduções sistemáticas da taxa selic aos poucos está se afastando da incômoda liderança em taxa real de juros em nível global. Ou seja, com 2,54%aa caiu para sexta posição abaixo da Turquia de 5,95%, Argentina de 4,56%, México de 3,57%, Rússia de 3,36% e Índia de 2,67%. Todavia, as taxas de juros na ponta para famílias e empresas ainda não refletem a significativa redução dos custos de captação dos bancos, o que compromete a velocidade de retomada da economia. A médio prazo o mercado trabalha com uma taxa básica real de juros de 4,0%aa, o que poderia colocar o país outra vez nos primeiros lugares do ranking.

# A produção industrial brasileira em fevereiro de 2018



O desempenho da indústria brasileira em fevereiro de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, aumento de 0,2%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 2,8%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), "para um ano em que se espera que a recuperação industrial ganhe um pouco mais de vigor, 2018 não começou da melhor forma. Janeiro anulou boa parte do avanço ocorrido em dezembro e fevereiro contribuiu com quase nada para o aumento do nível de produção. A recuperação segue, porém em marcha mais lenta do que o desejado. Fevereiro foi um mês fraco para o setor industrial seja qual for o

prisma pelo qual se avalie o seu desempenho. Na série com ajuste sazonal, o resultado de +0,2% frente a janeiro é baixo inclusive para o atual padrão de recuperação, marcado por variações positivas próximas de zero. Na comparação interanual, por sua vez, a alta de 2,8% obtida em fevereiro é bastante inferior ao resultado tanto de janeiro (+5,8%) como do último trimestre de 2017 (+4,9%)"

Ainda segundo o IEDI, "o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 75,6% em fevereiro de 2018, acima do patamar registrado em dezembro de 2017 e em janeiro de 2018 (74,7%). O indicador ficou praticamente estável

frente ao mês imediatamente anterior entre outubro de 2017 e janeiro do presente ano, antes de subir em fevereiro. O atual nível de utilização continua muito inferior à média histórica do próprio indicador (80,4%). Já o indicador da CNI ficou em 78,0% em fevereiro de 2018, já descontados os efeitos sazonais, nível equivalente ao de janeiro (78,1%). Vale lembrar que o indicador havia encerrado o ano de 2017 em 77,9%, o mesmo patamar registrado em novembro do mesmo ano. Assim como no caso do indicador da FGV, a utilização da capacidade estimada pela CNI manteve-se abaixo de sua média histórica de 80,3%".

## Variações da Produção - Fevereiro - 2018 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,2	2,8	4,3	3
Bens de capital	0,1	7,8	12,6	7,2
Bens intermediários	-0,7	1,5	2,9	2,1
Bens de consumo	1,2	4,4	5,3	3,6
Bens de consumo duráveis	1,7	15,6	17,9	14,2
Semiduráveis e não Duráveis	-0,6	1,6	2,2	1,1
Extrativa Mineral	-5,2	-5,5	-2,7	2,6
Transformação	-0,1	3,9	5,3	3,0

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

## FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

### PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

### 1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

### Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

### Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

## INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

### Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

### Superintendente

Helvio Vilas Boas

### Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

### Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

## EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luan Victor Ramalho de Oliveira

Yan Vasconcelos Navarro